

O GRANDE  
GATSBY  
F. SCOTT  
FITZGERALD

TORDSILHAS



# O GRANDE GATSBY

F. SCOTT  
FITZGERALD

Tradução de  
Cristina Cupertino

TORDESILHAS

Copyright da tradução © 2013 Tordesilhas  
Copyright do posfácio © 2013 Tordesilhas  
Copyright desta edição © 2013, 2021 Tordesilhas  
Publicado originalmente sob o título *The Great Gatsby*.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

EDIÇÃO UTILIZADA NESTA TRADUÇÃO F. Scott Fitzgerald, *The Great Gatsby*, Nova York, Penguin, 2010.

EDIÇÕES UTILIZADAS NA TRADUÇÃO DAS CARTAS F. Scott Fitzgerald, *A Life in Letters*, org. Matthew J. Bruccoli, Scribner, Nova York, 1995; F. Scott Fitzgerald, *Gatsby le Magnifique*, Livre de Poche, Paris, 1996.

TRADUÇÃO DO POSFÁCIO Daniel Abrão  
PREPARAÇÃO Fátima Couto  
REVISÃO Otacílio Nunes e Márcia Moura  
CAPA Amanda Cestaro

1ª edição, 2013 (1 reimpressão) / 2ª edição, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Fitzgerald, F. Scott, 1896-1940  
O grande Gatsby / F. Scott Fitzgerald ; tradução de Cristina Cupertino. --  
2. ed. -- São Paulo : Tordesilhas Livros, 2021.

Título original: The great Gatsby  
ISBN 978-65-5568-027-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

21-66609

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813  
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

2021

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.  
Avenida Paulista, 1337, conjunto 11  
01311-200 – São Paulo – SP  
www.tordesilhaslivros.com.br  
blog.tordesilhaslivros.com.br



## Sumário

O grande Gatsby 7

Quando *eu* era jovem e mais vulnerável,

por Alex Gilvarry 235

Cartas ao editor 247

Cronologia 276

## Prefácio\*

Entregar a alguém cuja vida profissional é inteiramente dedicada ao universo da ficção a tarefa de escrever um prefácio é submeter essa pessoa a um feixe de tentações diversas. O escritor que aqui se exprime optou por ceder a uma entre todas elas: propõe-se a falar da crítica com toda a serenidade de que é capaz e sem se afastar demais do romance que se segue.

Esclareço, para começar, que não me queixo da imprensa. Se Jack (que gostou do meu livro anterior\*\*) não gosta do novo\*\*\*, John (que não tinha gostado do anterior) *gosta* do

---

\* A primeira edição de *O grande Gatsby* foi publicada em abril de 1925. Este prefácio foi escrito para a reimpressão da Modern Library, em 1934, quatro meses depois do lançamento de *Suave é a noite*. A tiragem, de 6.000 exemplares, não encontrou compradores. (N. da E.)

\*\* *O grande Gatsby*. (N. da E.)

\*\*\* *Suave é a noite*, lançado em abril de 1934. (N. da E.)

novo, e com um compensando o outro o resultado se equilibra. Mas acho que os escritores da minha geração se perverteram quanto a isso, pois era uma época de abundância, e os jornais consagravam um espaço muito grande a textos intermináveis sobre a arte do romance – lugar conquistado em grande medida por H. L. Mencken, escandalizado pelo modo como vez por outra a crítica era exercida antes de ele próprio se dedicar a ela e ter um público fiel. Sua audácia, o amor penetrante e apaixonado que ele votava à literatura, estimulou-nos a todos. Hoje os chacais afiam os dentes para esse que consideram, com todos os riscos e perigos, um leão moribundo, mas a maioria dos homens da minha idade tem por ele um profundo respeito e lamentam a sua retirada de cena. Era uma pessoa que acolhia todas as pesquisas, estava aberta a todos os novos escritores. Frequentemente ele se enganou – sobretudo ao subestimar Hemingway sem pestanejar –, mas as suas armas eram eficazes. Ele nunca se sentiu forçado a mudá-las.

Mencken abandonou o romance americano aos seus próprios caprichos, e ninguém o substituiu. Se o autor que aqui se exprime precisasse esperar que uma parte dos esforços dos nossos políticos reacionários fosse despendida para lhe ensinar os valores de uma profissão que ele exerce desde a adolescência... então, tudo bem, crianças, que se faça sair da fileira esse energúmeno e que ele seja fuzilado ao raiar do dia.

Mas, de alguns anos para cá, o que acho mais desencorajador não é isso, e sim a covardia cada vez maior dos críticos profissionais. Mal remunerados, sobrecarregados de trabalho, eles já não

têm nenhum interesse pelos livros. Que tristeza ver, nos últimos tempos, tantos jovens romancistas morrerem de asfixia por não terem um espaço para se fazer ouvir: Nathanael West, Vincent McHugh e muitos outros.

Vou me aproximando pouco a pouco do tema da minha queixa, que poderia assim se traduzir: eu gostaria de compartilhar com os futuros leitores deste romance um cinismo recomendável em face dos críticos contemporâneos. Sem ser excessivamente vaidosos, todos têm direito, não importa em que profissão, de vestir uma cota de malha pessoal. Nosso amor-próprio é o nosso único bem. Se aceitam que ele seja ferido por alguém cujo ofício é ferir, antes do almoço, uma dezena de outros amores-próprios, vocês se expõem a uma série de decepções das quais um velho resistente aprendeu a se preservar.

13

Este romance é um exemplo disso. Como os grandes temas de nomes ressonantes não atravancam estas páginas e uma vez que elas não falam da gente do campo (nossos heróis atuais), é fácil prever que ele não teria nada a ver com a crítica, mas poderia tocar alguns leitores que não têm os meios necessários para exprimir o que sentem. Para mim é um enigma que um homem assuma a responsabilidade de escrever um romance sem ter uma atitude precisa e resoluta em face da existência. O fato de um crítico pretender analisar em algumas horas uma visão particular que engloba doze pontos de vista diferentes de uma realidade social me faz pensar na horripilante passagem de um dinossauro pela solidão desértica de um jovem escritor.

No que diz respeito a este livro, uma mulher, claramente incapaz de escrever em inglês uma carta coerente, disse que abri-lo ou empurrar a porta do cinema era mais ou menos a mesma coisa. Muitos escritores iniciantes são acolhidos por esse tipo de crítico, quando esperavam um julgamento de valor com relação ao universo da imaginação em que eles (esses escritores) tentaram, com maior ou menor sucesso, sobreviver – universo que Mencken sabia tornar sensível, na época em que velava por nós.

14

Uma vez que este livro foi reimpresso, o autor gostaria de dizer que nunca tentou tão encarniçadamente conservar intacta a sua lucidez artística quanto nos dez meses que passou a escrevê-lo. Descubro, relendo-o, como ele ainda poderia ser melhorado, mas, embora ciente disso, não me sinto culpado de nenhuma traição da verdade – se não da verdade, pelo menos do *equivalente* à verdade, aquela que se dobra à exatidão do imaginário. Acabo de reler o prefácio escrito por Joseph Conrad para *O negro do Narciso* e ao mesmo tempo acabo de ser vigorosamente surrado pela crítica com a alegação de que o material que utilizei não permite mais nenhuma relação entre pessoas adultas em um mundo de adultos. Mas, meu Deus!, esse material é o meu, e é o único de que disponho.

Os cortes que fiz nele, tanto no plano material quanto no emocional, poderiam compor um segundo romance.

Acho que este romance é honesto – entendo por isso que ele afasta qualquer virtuosismo destinado a impressionar e, para ir mais longe na fatuidade, que ele sempre conservou em surdina a emoção, para evitar que as lágrimas corram em exagerada

abundância sobre o gigantesco rosto de papel, que observa o que se passa além da mente dos personagens.

Um livro pode sobreviver, se lido com consciência limpa – pelo menos pelo sentimento pessoal que se conserva dele. Por outro lado, se o leitor tem uma consciência culpada, só encontrará nele o que quis reter das críticas. Acrescento que, se o leitor é jovem, a maioria das críticas, mesmo as mais injustas, poderá lhe ser útil.

O escritor que se exprime aqui sempre se considerou um “nativo” com relação à sua profissão – isso é tão verdadeiro que ele não sabe o que poderia fazer além de escrever, e melhor ainda: o que poderia fazer além de se perder para viver no universo da ficção. Muitos outros pensam como ele, tentam dar forma às suas descobertas mais íntimas:

... Olhe. É isto!

... Eu vi com os meus olhos.

... Era *assim* que era.

... Não. Era assim.

... Olhe. Eis a gota de sangue de que falei.

... Pare tudo! Eis a cor dos olhos da jovem, o reflexo exato de que eu me lembrava quando pensava nos olhos dela.

... Se alguém resolve redescobrir esse rosto no espelho de um lago, se alguém resolve acrescentar a ele alguns traços para que a imagem fique entristecida, cabe à crítica reconhecer a intenção que lá está.

... Até agora ninguém havia experimentado uma sensação como essa, diz a si mesmo o jovem escritor, mas *eu*, eu acabo de

experimentá-la. Meu orgulho é igual ao do soldado que se lança na batalha sem saber se alguém estará lá para colocar a cruz em suas mãos ou até mesmo para registrar os seus feitos.

De fato, jovem, mas não se esqueça disto: você não é o primeiro que viveu solitário, ainda e sempre solitário.

Baltimore, Maryland, agosto de 1934

F. Scott Fitzgerald

*“Então use o chapéu de ouro, se isso a emociona;  
Se você dá saltos fantásticos, salte para ela, também,  
Até ela gritar: ‘Amado, meu amado  
do chapéu de ouro e dos saltos acrobáticos,  
Preciso ter você!’”*

Thomas Parke D’Invilliers\*

---

\* A epígrafe é do próprio Fitzgerald. D’Invilliers é personagem de *Este lado do paraíso* e foi inspirado no escritor John Peale Bishop. (N. da E.)

# 1

Quando eu era jovem e mais vulnerável, meu pai me deu um conselho que desde então tenho revirado na mente:

– Sempre que sentir vontade de criticar alguém – disse ele –, lembre-se apenas de que neste mundo nem todos tiveram as vantagens que você tem.

Ele não disse mais nada, mas, mesmo com toda a nossa reserva, sempre fomos bastante comunicativos, e entendi que ele estava querendo dizer muito mais que aquilo. Isso me fez ponderar todos os julgamentos, um hábito que levou inúmeras naturezas curiosas a se abrirem comigo e também me tornou vítima de muitos peritos na prática da chatice. A mente anormal detecta rapidamente esse atributo e a ele se apega quando o percebe em uma pessoa normal, e com isso aconteceu de na faculdade me acusarem injustamente de ser político, porque eu era cúmplice das mágoas secretas de homens esquivos, desconhecidos. Na maioria dos casos eu nada havia feito para

estimular as confidências – frequentemente fingia sonolência, preocupação ou um desprezo hostil quando percebia por algum sinal inequívoco que uma revelação íntima estava se movendo no horizonte; pois as revelações íntimas dos homens jovens, ou pelo menos os termos em que eles as expressam, costumam ser plágios ou então são desfiguradas por óbvias omissões. Ponderar os julgamentos é questão de esperança infinita. Ainda tenho certo temor de cometer um erro se esquecer que, como meu pai afirmava pretensiosamente e eu pretensiosamente repito, a noção das regras básicas do decoro é distribuída de modo desigual no nascimento.

20

E, depois de assim me vangloriar da minha tolerância, preciso admitir que ela tem um limite. A base da conduta pode ser a rocha dura ou os pântanos úmidos, mas depois de certo ponto isso já não me importa. Quando voltei do Leste, no outono passado, percebi em mim um desejo de que o mundo fosse uniforme e estivesse para sempre em uma espécie de alerta moral; não queria mais excursões turbulentas com vislumbres privilegiados das profundezas do coração humano. Somente Gatsby, o homem que dá nome a este livro, ficou isento da minha reação – Gatsby, que representava tudo aquilo pelo qual tenho um autêntico desdém. Se a personalidade é uma série contínua de gestos bem-sucedidos, havia nele algo muito bonito, uma elevada sensibilidade para as promessas da vida, como se ele fosse aparentado com uma dessas máquinas intrincadas que registram terremotos a quinze mil quilômetros de distância. Essa presciência não tinha nenhuma relação

com a débil impressionabilidade que o termo “temperamento criativo” dignifica – era um talento extraordinário para a esperança, uma prontidão para o romance que nunca encontrei em outra pessoa e provavelmente não voltarei a encontrar. Não; Gatsby se revelou correto no final. Foi o mergulho de rapinador sobre Gatsby, aquela poeira imunda que flutuou no rastro dos seus sonhos, que afastou por uns tempos o interesse que me despertavam as vãs tristezas dos homens e suas efêmeras alegrias.

Minha família tinha sido proeminente, gente próspera, por três gerações, desta cidade do Meio-Oeste. Os Carraway são uma espécie de clã, e temos uma tradição de descender dos duques de Buccleuch, mas o verdadeiro fundador da minha linhagem foi o irmão do meu avô, que veio para cá em 1851, mandou para a Guerra Civil um substituto e começou o negócio de venda de ferragens por atacado de que meu pai se ocupa.

Nunca vi esse tio-avô, mas acham que eu me pareço com ele – com especial referência ao retrato pintado dependurado no escritório do meu pai, que mostra um tipo durão. Concluí meu curso em New Haven em 1915, quando se completava um quarto de século da formatura do meu pai, e pouco depois participei da protelada migração teutônica conhecida como Grande Guerra. O contra-ataque de surpresa me agradou tanto que ao voltar para casa me senti inquieto. Em vez de ser o centro caloroso do universo, o Meio-Oeste agora me parecia a sua borda

esfarrapada. Assim, resolvi ir para o Leste e aprender o negócio de títulos. Todo mundo que eu conhecia estava no negócio de títulos, o que me fez acreditar que ele comportaria mais um. Meus tios e tias falavam muito sobre isso, como se estivessem escolhendo o colégio onde eu me prepararia para a universidade, e finalmente disseram: “Ah, sim, sim”, com uma expressão muito grave e hesitante. Meu pai concordou em me sustentar durante um ano, e depois de vários adiamentos fui para o Leste, permanentemente – achava eu –, na primavera de 1922.

22

A solução mais prática seria alugar um quarto na cidade, mas estávamos em uma estação quente, e eu havia acabado de deixar uma casa do interior com amplos gramados e árvores amigáveis, então, quando um jovem do escritório sugeriu que alugássemos juntos uma casa em uma cidade-dormitório, a ideia me pareceu ótima. Ele encontrou a casa, uma cabana frágil e desgastada pelas intempéries que custaria oitenta dólares por mês, mas no último minuto a empresa o mandou para Washington, e eu me mudei sozinho para a casa. Tinha comigo um cachorro – pelo menos o tive por alguns dias, até ele fugir –, um Dodge velho, e uma finlandesa que arrumava minha cama, me preparava o café da manhã e resmungava sabedoria finlandesa para si mesma diante do fogão elétrico.

Durante um dia ou pouco mais que isso me senti solitário, mas uma manhã um homem que havia chegado depois de mim me parou na estrada.

– Como é que eu vou para West Egg? – indagou ele desamparado.

Este livro foi composto com as famílias tipográficas  
Apollo para os textos e Voyage para os títulos.  
Impresso para a Tordesilhas Livros em 2021.

**E assim avançamos,  
barcos contra a corrente,  
incessantemente  
empurrados de volta  
ao passado.**

978 65 5568 027 0



TORDSILHAS